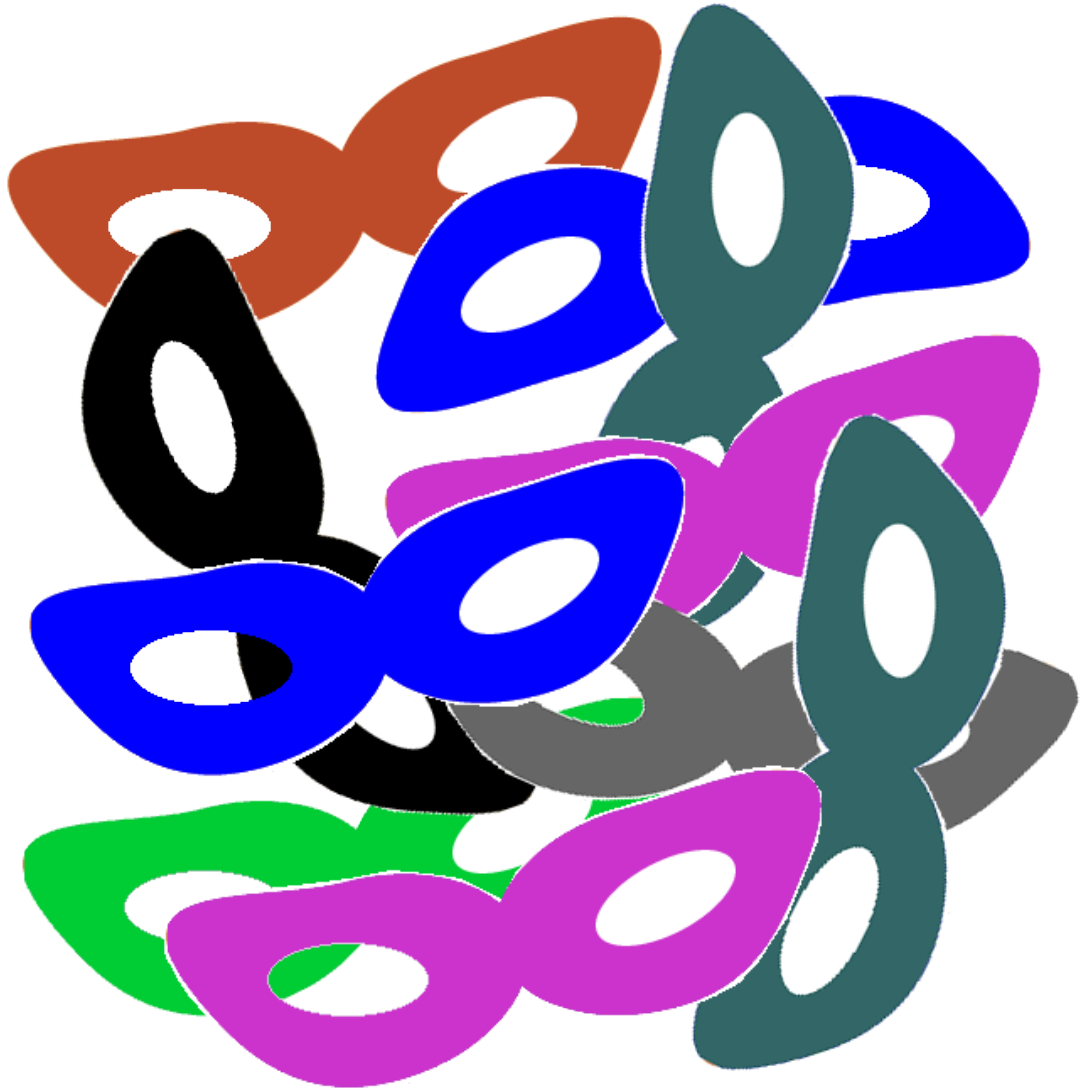


personæ



poesias de

José Manuel da Silva

©
2014

A vida são várias vidas
paralelas
felicidades e mazelas

A vida são momentos
simultâneos
longos e momentâneos

A vida é vontade, é desvontade
é querer, é desquerer
é pensar e esquecer

O que fica é o antes
o prenúncio e o durante
o amado e o amante

A vida é muito e pouco
a falta, o meio
a casca e o recheio.

Rio, 2009.

Os rios desaguam no mar
A vida termina na morte
O sexo culmina no orgasmo
Um obrigado precisa de seu não tem de quê
Meu amor começa e termina em você

Rio, 2013

Tua boca em meu sexo
A sensação do paraíso
Ouço teu gemido
Teu prazer em me dar prazer
Esquento
Tremo
Preparo
Reparo
Em teus olhos me aguardando
E jorro minhas entranhas em você
Quentes
Jatos de minha intimidade
Só você me conhece na boca
Meu gosto
Meu cheiro
A hora exata
A pulsação
Só você sabe o tempo da espera
Do depois
Do acalmar do corpo
Tua boca e meu sexo
Encaixe perfeito
Côncavo penetrado
Apertado e alargado
Você engole uma parte de mim
Saboreia meu prazer terminado
Relaxo
Impotente
Aguardando novamente
Ardentemente
Tua boca em meu sexo

Rio, 2013

O que acontecerá naquele dia?
Pergunto eu.
Nada demais, responderão.
Ele morreu.

Rio, 2013.

Tenho pena de você.
Que não lê.
Que não vê.
Que não sê.

Rio, 2013.

Sou daqueles
Da madrugada
Que telefona
À mulher amada
E lê poesia
Em elegia

Rio, 2013.

coração desregrado
afoito
multi
polar
sobriamente ébrio
glutão
sultão
o sim dizendo não
os porquês
do por que
o céu do inferno
ateu
ardente
remendado
desassossegado
coração desregrado

Rio, 2013.

há um clima no ar
tenso
pesado
matreiro

há um clima de mar
revolto
perigoso
traíçoeiro

há um clima solar
quente
ardente
solteiro

há um clima sem par
contido
restrito
mosteiro

há um clima de incerteza noir
fumaça
um filme
rasteiro

há uma peça sem par
absurdo
estudo
avatar

Rio, 2013.

e foi como se não fosse
como se não tivesse sido
um acontecimento
não acontecido
uma perspectiva
abstrata
inata
um amor
em desamor
como sempre
absoluto
esvaziado
como tudo
dissabor
se for

Rio, 2013

pois é
então
é isso
ou não

Rio, 2013.

abstrato sabor do amanhã
contido temor alucinado
branco odor inesperado
sutil desdor do afundar

Rio, 2013

vida
poço
fundo
útero
prenhe
vida
osso
verme
vida
fim

Rio, 2013

um punhal
certo
um suspiro
derradeiro

Rio, 2013

um timoneiro louco
conduz o barco da vida
sob o céu de nuvens claroescuras
singrando mares incertos
 redescobertos

Rio, 2013

Foi um espaço arcaico
De duração anacrônica
Um filme estático
Naturalidade artificial
Uma doença terminal
O sabor agridoce da paixão
Organizada burocracia do amor
Por convenção
Chamaram de união.

Rio, 2013.

dia
noite
dia
noite
dia
noite
tédio planetário

Rio, 2013

As uvas verdes
Da juventude
Amadurecem
Apodrecem
E caem.
Incomíveis,
Impegáveis,
Inalcançáveis,
Irrecuperáveis.
Como a juventude.

Rio, 2013

Não, a vida não é bela
E o mundo não é vasto
A vida é cruela
E o mundo é nefasto.
Louco, eu?
Não, apenas rouco
De tanto gritar o óbvio.

Rio, 2013.

foi
outra
era
um tempo
que
foi
embora
que
não
era
mais
um tempo
que
foi.

Rio, 2013.

são coisas simples
elementares
mas absolutas
definitivas
um momento
uma palavra solta
perdida
descompromissada
o mundo melhora
ou desaba
com um sopro
somos todos lobos
e porcos
vovós
lenhadores
somos todos sonhadores
atores
seja qual for o lado
o pano cai
sempre cai

Rio, 2013.

O que é a verdade
se não uma possibilidade egoísta
uma certeza adquirida
sorvida com a vida
ruminada sem sentido
regurgitada com o medo
defecada na vaidade
tautologia insana
fé
crença
moral
valores ambíguos
a arte do convencimento
auto-
alter-
a dúvida que
na dúvida
se salva
se escora
na certeza
na verdade?

Rio, 2013.

há que se perdoar
são
olhos surdos
ouvidos mudos
que não percebem
a fina textura
das emoções

Rio, 2013.

Viajei na luz do luar
queimei as asas num raio de sol
afundei no mar da imaginação
voei no dorso da fantasia
dormi com o carinho de uma fada
sonhei com as musas
acordei sobressaltado
apavorado, adulto
em meio a palavras perdidas
vazias
que tento organizar
em um arremedo
de poesias.

Rio, 2013

Nua
na alma
perdida
nas palavras
apaixonou-se
achou-se
perdeu-se
vendeu-se
rendeu-se
entregou-se
fechou-se
vestiu-se
e partiu.

Rio, 2013

aqui
ou lá
no amor
o mesmo
lugar

Rio, 2013

respirar
o mesmo ar
que inunda
teu ser
ó musa
sentir
o mesmo odor
que de tua pele
exala
ó musa
ouvir a tua cor
comer o som
da tua voz
ó musa
ó música
vibra em mim
e me abusa

Rio, 2013

boca
dentes
língua
dedos
sexo
som
marcas
gosto
garras
nexo

Rio, 2013

É só um medo fugaz
Um pouco demais
Talvez

Uma lembrança do escuro
Em cima do muro
Talvez

Toda essa selva concreta
Política mente correta
Talvez

Fome de água gelada
Sede de marmelada
Talvez

Queria estar dentro daquele avião
Entregue e saindo do chão
Talvez

Correção, emoção, apatia
Risos, lágrimas, euforia
Talvez

Tão breve é a vida
Tão pesada e sofrida
Pra que pensar tanto?
Será esse o encanto?
Talvez

Pra você que perguntou
onde vou
orgulhosamente respondo
sou
voo
cego.

Rio, 2013

cantam as aves
canta o sol
canta a chuva
canta a noite
cantam as pessoas
canta o coração
cantam as ruas
canta a vida
na arte
nas gentes
no som
no silêncio
mas o mundo é dos surdos
pena

Rio, 2013

Gosto do amor verbal
copulativo
reflexivo
com vírgulas
sem ponto final

Rio, 2013

é preciso
ver
no escuro
essencial
pular
o muro

Rio, 2013

foi tudo muito rápido
uma luz
um clarão
um pensamento
e
de repente
a escuridão

Rio, 2013

de hoje
até ontem
a memória
de hoje
àmanhã
a história

Rio, 2013

A saudade
É um tempo e um espaço
Inexistentes e reais
É o nada
Sendo mais
A falta
Concreta
Cortante
Maldade
Sem idade
Saudade.

Rio, 2013

pq
c
agr
n
ker
m
dah
o
<3
?
:-)

Rio, 2013

onde?
tão longe...
hein?
responde!

Rio, 2013

fazer poesia
é tirar sentido do nada
abusar das palavras
violentar as estruturas
fantasiar a loucura da realidade
despertar a realidade da loucura
é mágica
trágica
é o coelho que sai da cartola sem ter entrado
fazer o todo
de um bocado
fazer poesia é fingir
é urdir
é chegar sem partir
mentir a verdade
chorar com o chiste
em verso alegre ou triste
fazer poesia
é fazer poesia

Rio, 2013

é um mundo novo
admirável
execrável
detestável

é um novo humano
demasiado
extasiado
remodelado

é um livro novo
de desassossego
de desaconchego
de desapego

é um novo império
sem sentido
desenxabido
amortecido

conhecer
entender
viver
morrer

Rio, 2013

E já que o bar vai fechar
Traz a última cerveja
Uma bem gelada
Pra lembrar daquela safada
Pra fingir que a vida é boa
Esquecer do meu passado
Mas não fecha a conta ainda
Olha só que coisa linda
Do outro lado da rua
Imagino toda nua
Ah, deixa pra lá
Me ajuda a levantar
Amanhã eu vou voltar.

Rio, 2013

E eis que chega o futuro
Ligeiramente escuro
Absurdamente enfático
Uma espécie de silêncio sincopado
E com medo pergunto
Onde está o meu passado?

Rio, 2013

Estou de luto
Morreu o dia
A noite incerta
Me cerca
Aperta
Viro fumaça
Num sono tenso
Estou em fogo
Nasceu o dia
Corro da luz
Que me espera
Toda manhã
E num segundo
Engano a vida
Com inseticida.

Rio, 2013

Procuro o talismã sumido
O trecho apagado
O quadro desaparecido
O elo perdido
O hiato da existência
A cura da demência
E só.

Rio, 2013

névoa da manhã
cheiro de café
sons de passarinhos
água morna escorrendo pelo corpo
lábios passeando por teu corpo
tão bons augúrios
despedaçados
estilhaçados
esmigalhados
num escritório

Rio, 2013

DESOMENAGEM

[com todo respeito]

Um velho calção de banho
Tédio que não tem tamanho
Vai, minha tristeza
E diz a ela
Que não em comida na panela
E se você quer ser minha namorada,
Esquece essa parada
Que não vai dar em nada
Você mora nessa casa engraçada
E quer beijinhos sem ter fim
Fica falando de peixinhos!
Por isso essa melancolia que não sai de mim
Não sai.
Não sei...
Se é melhor ser alegre do que triste
Pergunta à gente humilde
E além disso,
Eu sei que não vou te amar
Por toda a minha vida
Porque
O homem que diz dou
Não dá.
Não dá,
Você é muito pessimista
Tristeza tem fim sim
Cansei dos pivetes da Nascimento Silva
E se todos fossem iguais a você,
Que coisa horrível viver
Você não é linda, nem cheia de graça
Vai, meu irmão
Pegue esse avião
Pega a bossa nova
Pega essa frescura
E quer saber?
Vai fazer samba em Orly
Ou vai pra tonga da mironga do kabuletê!

Rio, 19 de outubro de 2013.

- E aí?
- Pois é.
- Então...
- É isso.
- Valeu.
- Té mais.

Rio, 2013

Y pourquoi pas?
Je lui ai demandé.

I don't know...
It's too early.
She hesitated.

Então vai à merda!
Despedi-me.
E parti-me.

Rio, 2013

para o amor,
azul
para o sexo,
preto
na paixão,
vermelho
viagens em verde
a tristeza é cinza
na alegria,
amarelo
pensar tem roxo e marrom
lilás pinta o som
a arte é melhor
eu?
a soma de tudo
o branco desnudo

Rio, 2013

Teu corpo só me interessa por minutos
Teu ser eu quero eternamente
Teu corpo me deixa rouco
Teu ser me deixa louco
Uso teu corpo
Desfruto de teu ser
Teu corpo, fome e sede
Teu ser, o ar imprescindível
Teu corpo não é você
O você que desejo é o teu ser
Teu corpo eu penetro com prazer
Do teu ser eu preciso pra viver.

Rio, 2013

ecos
de distâncias não percorridas
sons
de sensações não sentidas
imagens
de vidas não vividas
o resto
é o nada

Rio, 2013

o mundo não existe
é reflexo de desejos insatisfeitos
a vida inexiste
são sonhos inalcançados
o desejo insiste
é o enganar da morte
o sonho resiste
é a ilusão de atingir o inatingível
o real é a dor do ser
a agonia de existir
de resto,
nada de novo
só as gentes
um estorvo

Rio, 2013

dançam odaliscas seminuas vestidas de freiras
empurrando o tempo goela abaixo para a marca do pênalti
"Onde está a chave?"
uma velha passeia plantando saudades
vestida de neve roxa
"Procuro a chave."
Goblins herméticos se elevam na fumaça
hierofantes do apocalipse
"Não há chave."
um deus apócrifo gargalha em pé singrando o mar revoltado
apolíneas cleópatras lutam na lama
"Quebra-se a chave."
dois destinos infiéis discutem no bar em meio às musas
enrugados de cerveja quente
"A chave! A chave!"
e os filósofos e doutores anotam
em lúgubre histeria pós-moderna
"A chave é tudo."
nas mãos da prostituta herege
o gosto ascético espirra a noiva virginal
"Esta chave?"
Pano.

Rio, 2013

A farda só fez mal a este país
Predeu
Torturou
Matou
Atrasou
Um passado
Que não acabou
A farda mudou
Mas quem sabe, diz
A farda só faz mal a esse país.

Rio, 2013

João entrou
Maria saiu
João gozou
Maria pariu
João exagerou
Maria partiu
João procurou
Maria refletiu
João argumentou
Maria consentiu
Maria entrou
João saiu

Rio, 2013

you berate
I get irritated
you talk
I shout
you cry
I give up
you threaten
I give in
you finish
I start over
and so it goes...
and so it goes...

Rio, 2013

Tá esquisito
Gosto estranho
Sei não...
A coisa já foi melhor

A falta de tudo
O excesso de nada
Sei não...
A vida já teve mais sabor

Sentimento morto
Pensamento torto
Sei não...
Tá tudo muito pior

O trabalho, o país
O corpo e a alma
Sei não...
Nada mudou

Tudo se repete
A mesmice das coisas
Sei não...
O tempo parou

Muita intolerância
Tanta redundância
Sei não...
A vida acabou.

Rio, 2013

cavando a terra
descobri a palavra
auscultando o céu
encontrei a arte
garimpando corpos
senti a música vibrar
navegando o nada
me achei

Rio, 2013

queria escrever uma sinfonia
de palavras
compor uma poesia
de cores livres
criar uma melodia
de imagens pulsantes
enquanto isso,
vivo

Rio, 2013

as certezas ficaram no caminho
a tristeza diluiu-se no vinho
o impulso deu lugar ao cansaço
e o medo travestiu-se em mormaço
são mudanças
e andanças
o ser não é mais o ser
com o passar do tempo
eterno renascer
no soprar do vento

Rio, 2013

Precisei de tempo
E alento
Pra superar
Teu marasmo

Uma parte de mim
Se perdeu
A outra parte
Morreu

Viver é um absurdo
Um difícil parto mudo
Desafio a ameaça
Com absinto e cachaça.

Rio, 2013

desconfio de alegria
de sorriso
e de harmonia

têm um quê de hipocrisia
falsidade
e mentira

felicidade todo dia
mascara a dor
e a apatia

Rio, 2013

nunca te vi
sempre te li
te ouvi
te senti
levarei tuas canções
nas recordações
agora não precisas mais
take a walk on the wild side
encha-se de velvet
e não de underground
não mais
guardarei tua inspiração
dei sorte e vivi
no teu tempo
Lou Reed

Rio, 2013

Naveguei por mares descontraídos
Digo, revoltos
Encontrei pessoas desencardidas
Digo, descontraídas
Pensei pensamentos descoloridos
Digo, absurdos
Recusei sensações despreparadas
Digo, descoloridas
Enfim,
Rimei
Gritei
E parei.

Rio, 2013

Escrevo o que ninguém entende
Falo do que ninguém sente
Eu não sou eu
Eu sou meus eus
Que são e não são
Ou não
A poesia não se explica
É amor e ódio
À primeira vista
Enquanto isso
O mundo esquece de ver
O povo não sabe o que é ler
Falta poesia nesta vida
Não se sabe mais sentir
Melhor mesmo é partir
Então
De todos os meus eus
Adeus.

Rio, 2013

só o sol
nu vem
com dores
para me ex-citar
de baixo
do céu
corpo

Rio, 2013

sol
astro
celebridade
estrela
noite
dia
sol
calor
quente
mulher
corpo
beleza
natureza
flores
cores
amarelo
sol
verão
praia
biquíni
mulher
carinho
amor
temor
arrepio
gelo
água
rio
peixe
mergulho
mar
coral
laranja
sol
tarde
céu
lua
nua
mulher
rainha
rei
sol

Rio, 2013

shades of meaning
shades of trees
shades in your eyes
when you look at me

shades of blue
shaded in red
shades on the windows
when we go to bed

shades of tears
shades that play
shades of memories
when we go away

Rio, 2013

olho os loucos
e me vejo neles
olho os doentes
e me sinto neles
olho as mulheres
e me perco nelas
olho o mundo
e me fragmento
olho o espelho
e me desconheço

Rio, 2013

perguntei a mim mesmo o que é ser alguém
meu eu não soube responder
mas o resto de mim
sim
ser alguém...
ser alguém é...
ser alguém é ser alguém, ora
é querer
é desejar
é viver
é trabalhar
é enriquecer
é foder
é comer
é cagar
é mijar
é fingir que nada disso acontece
na frente dos outros
é estudar
é brilhar
é sensualizar
é divar
é ir à festa
é ir ao bar
é gastar
é comprar
é ser famoso
ser alguém é isso tudo
e é mais
é o infinito
e meu eu então perguntou
isso é alguém
ou é ser?
dá pra responder?
ei
toc toc
...
...
...

Rio, 2013

Andam juntos
O temor e o comodismo
O pavor e o abismo

São vizinhos
O deus e a ilusão
A mentira e a podridão

Vivem bem
A inveja e a valentia
O desmando e a hipocrisia.

Rio, 2013

O mundo agoniza

O ser humano

A

go

n

i

z

.

.

.

Rio, 2013

Governo
Governo meu
Haverá governo
Mais incompetente
Do que o seu?

Rio, 2013

vida
nossa
de cada dia
quebra-cabeça
construído
peça a peça
com maestria
conquistas
alegrias
peças
em sintonia
e começa
o desmonte
gradativo
definitivo
peça a peça
as perdas
as doenças
a decepção
a ilusão
vida
que sai da caixa
se encaixa
a figura
de nascença partida
desmontada
peça a peça
e guardada
esquecida
ou não
no porão.

Rio, 2013

E por isso o tédio
O remédio
A apatia
A alergia
A ironia
E depois o escuro
O muro
A discórdia
A mixórdia
E no fim o nada
Absoluto
Insulto
Piada.

Rio, 2013

A vida mesmo pouco importa
Importantes são os bastidores
O quadro mesmo não interessa
Interessantes são as cores
O ser humano não diz muito
Dizem mais as suas dores
O mundo em si não é tão mau
Maldade têm seus senhores
A vida em si importa pouco
O importante são os amores
E os ardores
E os temores.

Rio, 2013

Vivem as gentes de ilusão
Dinheiro
Poder
Amor
Religião
Morrem as gentes de ilusão
Dinheiro
Poder
Amor
Religião.

Rio, 2013

versos no vácuo do tempo
sentimento alheio
eterna conspiração arcaica
haicaica
enquanto a caravana para
interstício existencial
final

Rio, 2013

um olhar
sobre o infinito
apelo
mudo
mundo
prisão de almas

Rio, 2013

arquejante espírito
santo
desvelado segredo
manto
um olhar perdido
encanto
um canto do universo
espanto

Rio, 2013

Piscam as musas sedutoras
Piscam as luzes da cidade
Adormecente
Ardem-se os desejos
Adentram-se os ensejos
Paralisado segue o universo
Movimento estático
Prazer sombrio
Explosões
Clarões
Luzes tremelicantes no horizonte
Esperança
Bonança
Tardança
Desaba a tempestade
E o fauno recomeça a caminhada
Pesado e prenhe o diáfano relicário
Pesada e prenhe a sinistra atmosfera
Quimera
Fera
Espera
Espreita
Amaldiçoada vaidade
Teme a deus o emporcalhado
Fere com o ferro da injustiça
Quem ouviu das margens plácidas
O murmúrio hipócrita
Chora e grita e morre
O povo varonil
Manchado o azul anil
Acendem-se os archotes
Na fenda espaço-temporal
Um final
Apocalíptico
O tiro resvala no canhão
O filme se esvai em sangue
Tremor
Calma
Paz
O ser invisível
Aqui jaz.

Rio, 2013

Toca o telefone
na noite insone
pedaço de som estridente
devidamente
ignorado.

Rio, 2013

Acordei pensante
retumbante
olhei o mundo
observei
analisei
investiguei coisas e pessoas
pesei os prós e os contras
e decidi
e voltei a dormir.

Rio, 2013

A vida corre mansa
Na abundância
(...)
(...)
(...)
A vida se cansa
Na desesperança.

Rio, 2013

o que mete medo é o amor desenfreado
seja pelo que for
seja por quem for

Rio, 2013

Na verdade vagamos pelo mundo
Às vezes atentos
Às vezes desatentos
Às vezes detentos
Sedentos
Por vezes levados pelos ventos
Como não perceber o vazio da existência?
O vazio está no depois
O antes é prenhe
O durante pleno
O depois é vazio
É o estio
O fastio
O depois da festa
O depois do gozo
O depois do acordar
O depois do assalto
O depois da dor
O depois do incêndio
O depois do parto
O depois da dívida
O depois da dúvida
O depois da operação
O depois da opressão
O depois da solução
O depois da depressão
O depois da separação
O depois do furacão
Felicidade
Sutil distração
A vida é ilusão
Da vida a dois
A vida é negação
Do vazio do depois.

Rio, 2014

O vestido verde

para a G. de 2006

atraído
seduzido
pelo vestido
verde
leve
macio
sedutor
convidativo
a mão
a pele
suave
o toque
o corpo
detalhes
vontade
desejo
delírio
a pressa
o vestido
caído
o corpo
vencido
colado
no corpo
enfiado
no corpo
o gozo
do corpo
no corpo
saciado
o tempo
as horas
o vestido
vestido
no corpo
o vestido
verde-aventura
no corpo desbravado
lascivo
pulsante
o convite
da fêmea
vestida
de verde
o adeus
a saudade
a vontade
o eterno sabor
o gosto
o cheiro
do corpo
sob o vestido
verde na cor
amarrotado
de amor

Rio, 2014

Ela sabia
Que era o fim
Ele sentia
Algo ruim
Ela aguardava
Disfarçava
Ele aceitava
Não questionava
Ah, o amor
Essa veleidade
É eterno
Com validade
Ela, o mundo
Ele, universo
Hoje, o tudo
Amanhã, o inverso
Ela queria
Não conseguia
Ele insistiu
Jamais desistiu
Ah, o amor
Inútil necessidade
É eterno
Com validade
Ela hoje vive
Feliz, tudo indica
Ele existe
E versifica
Ela lembra
De bons momentos
Ele destila
Os seus tormentos
Ela sabe
Que é o fim
Ele sente
Algo ruim
Ah, o amor
Tragicomicidade
É eterno
Com validade.

Rio, 2014

Chora-se muito pela morte
É devido
A dor
A falta
A tristeza
A saudade
O abandono
A sorte
O azar
Enfim, a morte
De gente do bem e do mal
Aristocrata e bagual.
Eu choro pelos vivos
Por quem bate
Tortura
No corpo e na alma
Com pressa e com calma
Por quem mata
Por quem não honra sua farda
Por quem não honra seu voto
Sua toga
Sua cruz
Choro pela maldade humana
Travestida de poder
De justiça
Do divino
Choro pelo corrupto
Pelo corruptor
Pelo que agride
Que segrega
Que intolera
Que maltrata
Estupra
Abandona
Que destrata
Por quem desfila em carreata
Choro pelos emergentes e celebridades
Ambições e vaidades
Tenho pena
Pena mesmo
Dejetos humanos
Vagando pela vida
Prepotentes
Insolentes
Insensatos, desafetos de si mesmos
Locupletados
De dinheiro, de elogio, de deus ou de cerveja
Desejos insanos
Danos
Aparência de vestal
Descaráter de anormal.

O rio da lembrança é tortuoso
Passa por florestas
Densas, escuras
Por desertos
Solidão, quentura
Rodeia montanhas inatingíveis
Paisagens inacessíveis
O rio da lembrança é tortuoso
E caudaloso
Visita o frio
O inóspito gelo da existência
Por vezes seca
Outras, transborda
Inunda, satisfaz
Refresca, se desfaz
Vislumbra povoados
Arrasta afogados
Carrega flores
Cores
E espinhos
E o olhar perdido
Dos pobres ribeirinhos
Torna-se cascata
Cachoeira de emoções
Descansa em lagos aprazíveis
E convida a reflexões
O rio da lembrança ouve gritos
Gemidos, sussurros e silêncios
O rio da lembrança é tortuoso
Espantoso
Tenebroso
Ardiloso
O rio da lembrança
Corre paralelo ao da esperança
O rio da lembrança
Não para de escorrer
Sobe e desce
Não tem idade
E deságua
Invariavelmente
Caprichosamente
No mar revolto da saudade.

Dizer o não dizer
Ouvir o inaudível
Esse o segredo
Sentir o insensível
Ver o invisível
Esse o grande medo
Que só se atenta para o óbvio
Só tem valor quem está sóbrio
Não vê o pobre formatado
A verdade flagrante do outro lado.

Rio, 2014

Pessoas vêm
Pessoas vão
Esparsas
Ou aluvião
Rarefazem-se
Materializam-se
Vida-floresta
Procura-se a flor vistosa
Ignora-se a mimosa
A árvore frondosa
Esconde a erva milagrosa
Passa ao largo quem importa
Beleza vista quando morta.

Rio, 2014

passou o bloco
cantou o samba
pulou, vibrou
suou, gozou
fugiu, viajou
é devido
relaxou
mas é?
acabou o carnaval
a vida então
desesperada
volta, acachapante, ao normal.

Rio, 2014

O que te move?
O carro
O barco
O avião?
Ou a cor de uma ideia,
O som de uma paixão?

Rio, 2014

Quero escrever a poesia do chão
Da poeira
Da lama
Que escorre pela sarjeta
Pelos bueiros
Da imaginação
Tosca
Grotesca
Dantesca
Inominável
Abominável
Obscura
Feiura
A canção do indizível
Verdade única
Absoluta
Primal
Abissal
Pura e simples primeiridade
A poesia da sensação
Da carne
Da gosma
O sangue que jorra no gozo das palavras
Do ser primitivo
Desesperado
Tribal
Animal
Feral
Final.

Rio, 2014.

viver na incoerência
desdenhar da sapiência
esse o valor
do verdadeiro
amor

Rio, 2014.

Não duvide
O absoluto
Todo e qualquer
É relativo.
Acredite
O humano
Homem e mulher
No fundo
É desprezível.
O ser é egoísmo puro
Passado, presente e futuro
Criança, adulto e monturo.
Desista
Buscar e acreditar
São meros clarões
No mesmo escuro.

Rio, 2014.

o que aconteceria
se beijo fosse esmola
e o mundo a grande escola
se não houvesse doutores
todos professores
como seria
se a lei estivesse em cada um
e o fardo fosse comum
?

Rio, 2014

era uma ideia absurda
um pleito impossível
um amor inviável
uma pugna invencível
sucesso impensável
desejo incomensurável
(...)
derrota plausível
desistência previsível

Rio, 2014

onde estão as musas
reclusas
desespero do poeta
onde estão as putas
astutas
refúgio do esteta
por que as vozes
atrozes
na mente
distantes
obscenas
pungentes
desvela-se enfim a verdade
certeza
que jorra
do além
a vida, a morte, a sorte
a musa, a puta, amém

Rio, 2014

Perguntaram-me sobre o amor.
O amor não se define
não define
não é definido
o amor é surpresa
e acaso
não é planejado
vem de quem não se espera
é rima óbvia
é quimera
quem ama morre
e pensa que vive
quem ama goza
sem sexo, e sobrevive
o amor é incerto
é discreto
não se exhibe
e não se inibe
o resto não é amor
é fervor, ardor, calor
não amor
o amor não se explica
é aquilo que mesmo indo
sempre fica
o amor não se entende
não compreende
só pretende
é o lícito
e o ilícito
é o sonho
e o desperto
é a antítese
do igual
o incompreensível
o sinal
o início
do final
por isso, amiga,
não te posso dizer o que é o amor
é um fogo
um prazer
a pura dor – o temor
inexplicável
irrevogável
amigável
odiável
inconstante
discrepante
não está em quem você suspeitava
é surpresa
a intuição
que te alertava
mas talvez o amor seja somente a sensação
de amar e ser amado

não existe a rigor
é um mero de um supor
um desejo
um anseio
uma fuga
um retorno
uma ilusão
um achar
abandonar
o amor etéreo
fantasia
idiosincrasia
platônico ou carnal
inexistente no final
na dúvida, amiga,
melhor amar
e depois elucubrar.

Rio, 2014

O LADO OBSCURO

destino
des-atino
des-alinho
des-vario
des-creio
devaneio

escrevo
para
ninguém
escutar
meu
sofrimento

poesia
carma
lembrança
trauma
medo
veneno
cura
poesia

a nesga de sol
o lençol
a ausência
a lembrança
a tristeza
o olhar carregado
o vazio da alma
o desespero contido
o ser conformado
o sono

cozinhar
o passado
morder
o presente
vomitar
o futuro
e voltar
a dormir

a noite
o escuro
sombras
fantasmas
medo
o suor
o frio
mais sombras
monstros
ruídos
o tempo
eterno

não
c
a
i
r
em tentação

o corpo resiste
o ser desiste
morte

foste um alento
e te perdi
partiste
e sofri
lembrei de tudo
e te escrevi

quimeras
da existência
perseguem
o pavor
de viver
correr
o bicho
ficar
o bicho
a vida
o lixo

pensamento
imóvel
no tempo

um átimo
felicidade
passou

há bens
que vêm
para o mal

luz
ó luz
um flash
seduz
e tudo volta ao normal

buscar
o amor
atrair
a dor
a-la-la-ô
amargor

cavalgar o machado da vida
para desbravar
o sentido do universo
quixotes existenciais
super-homens larvais
dementes normais

não há mais tempo

TIC-TAC
TIC-TAC
TIC-TAC

Rio, 2014

O LADO OBSCURO

destino
des-atino
des-alinho
des-vario
des-creio
devaneio

escrevo
para
ninguém
escutar
meu
sofrimento

poesia
carma
lembrança
trauma
medo
veneno
cura
poesia

a nesga de sol
o lençol
a ausência
a lembrança
a tristeza
o olhar carregado
o vazio da alma
o desespero contido
o ser conformado
o sono

cozinhar
o passado
morder
o presente
vomitar
o futuro
e voltar
a dormir

a noite
o escuro
sombras
fantasmas
medo
o suor
o frio
mais sombras
monstros
ruidos
o tempo
eterno

não
c
a
i
r
em tentação

o corpo resiste
o ser desiste
morte

foste um alento
e te perdi
partiste
e sofri
lembrei de tudo
e te escrevi

quimeras
da existência
perseguem
o pavor
de viver
correr
o bicho
ficar
o bicho
a vida
o lixo

pensamento
imóvel
no tempo

há bens
que vêm
para o mal

luz
ó luz
um flash
seduz
e tudo volta ao normal

buscar
o amor
atrair
a dor
a-la-la-ô
amargor

cavalgar o machado da vida
para desbravar
o sentido do universo
quixotes existenciais
super-homens larvais
dementes normais

um átimo
felicidade
passou

não há mais tempo

TIC-TAC
TIC-TAC
TIC-TAC